

## **NARRATIVAS REVOLUCIONÁRIAS: APONTAMENTOS SOBRE A LEITURA ANARQUISTA E COMUNISTA DA REVOLUÇÃO MEXICANA.**

Fábio da Silva Sousa <sup>1</sup>

**Resumo:** Os primeiros anos da Revolução Mexicana foram acompanhados com ardor e fervor pelos anarquistas da república brasileira. Os trabalhadores dessas publicações interpretaram o processo revolucionário mexicano como uma insurgência libertária e como a primeira fase de uma “mítica” Revolução Mundial. Nessa comunicação, tendo como base algumas matérias publicadas pela imprensa operária brasileira, uma carta, e um extenso artigo de Astrojildo Pereira, pretendo analisar os pontos de ruptura da narrativa anarquista para a perspectiva comunista, e elucidar como a leitura da Revolução Mexicana encaixou-se nos anseios de transformação social presente nessas duas doutrinas políticas.

**Palavras-chaves:** Revolução Mexicana, Imprensa Operária, Astrojildo Pereira.

**Abstract:** The first years of the Mexican Revolution were warm and excitedly followed by the anarchists of the Brazilian Republic. The workers of these journals interpreted the Mexican revolutionary process as a libertarian fight and as the first stage for a mythical World Revolution. In this article, based on some texts published by the Brazilian workers' press, a letter and an article by Astrojildo Pereira, it will be analyzed the turning points of the anarchist narrative into a communist perspective, and will also be elucidated how its interpretation of the Mexican Revolution fitted in with the wishes for social changes, present both in the anarchist and communist doctrines.

**Key-words:** Mexican Revolution, Workers' Press, Astrojildo Pereira.

A trajetória de Astrojildo Pereira se confunde com a própria história do movimento operário do Brasil. Nascido em Rio Bonito, no Rio de Janeiro em 08 de outubro de 1890, Astrojildo foi um importante militante anarquista, e assim como Ricardo Flores Magón, importante intelectual anarquista do México, aderiu às doutrinas libertárias após a leitura do

---

<sup>1</sup> UNESP/Univ. Estadual Paulista – Campus Assis, Mestrando em História, FAPESP – Fundação de Amparo a Pesquisa de São Paulo.

livro *A Conquista do Pão*, escrito por Piotr Kropotkin em 1862. Colaborou em diversos periódicos de orientação anarquista do período de 1910 a 18. Em novembro desse último ano apontado, participou da malograda “insurreição anarquista” do Rio de Janeiro e acabou preso no dia 18 de novembro. Depois de Revolução bolchevique no leste europeu em 1917, adotou o marxismo-leninismo como práxis de resistência e foi um dos fundadores do Partido Comunista do Brasil, em 1922. Dois anos depois participou da 5ª Internacional Comunista, IC, em Moscou, e de 1929 a 1930, trabalhou como secretário representante da América Latina na IC. Retornou ao Brasil em 1930, afastou-se do Partido um ano depois e retornou no ano de 1945. Com a legalização do Partido Comunista após a Segunda Grande Guerra, candidatou-se a vereador do Rio de Janeiro, não conseguiu se eleger, foi preso após o golpe militar e faleceu em 1965 (BATALHA, 2009, p.125).

Essa comunicação abarcará dois períodos dessa extensa trajetória: a década de 1910 a 20, e os anos de 1929 a 30, momentos no qual a vida desse lendário militante se encontrou com a Revolução que derrubou uma das maiores figuras políticas da América Latina, Porfirio Díaz.

As primeiras matérias sobre a Revolução Mexicana nos jornais da imprensa operária do Brasil, foram publicadas em junho de 1911, por meio de traduções livres e diretas de matérias provenientes originalmente do periódico *Regeneración*, publicação oficial do Partido Liberal Mexicano, PLM. Essa folha foi difusora do anarquismo no México e opositora de Francisco Madero, o *apóstolo da Revolução* e autor do documento considerado fundamental na eclosão da Revolução Mexicana, o Plano de São Luis Potosí (Cf. BARTRA, 1977).

O *Regeneración* circulou entre os operários gráficos de São Paulo e Rio de Janeiro. No período de 1910 a 20, a orientação política do movimento operário da Primeira República foi de orientação anarco-sindicalista. Alguns autores afirmam que o sindicalismo revolucionário foi à principal corrente ideológica das organizações sindicais, com ênfase na estruturação da COB em 1906. Concomitante a essa afirmação, pelo predomínio (e não hegemonia) das doutrinas ácratas em comparação com outras correntes ideológicas, como o socialismo, o anarco-sindicalismo desenvolveu-se de uma maneira *sui generis* dentro do sindicalismo revolucionário, onde se propagou e angariou uma enorme aceitação dentro do movimento operário.

Dos títulos operários, *A Guerra Social* foi à publicação que mais concedeu espaço ao México revolucionário, publicando 21 textos, de sua primeira edição, de 29 de junho de 1911, até o último número lançado, edª 32, de 26 de outubro de 1912. O corpo editorial desse periódico era constituído por João Arzua, Carlos Dias, Gigi Damiani e Astrojildo Pereira.

Na análise das 21 matérias publicadas em *A Guerra Social*, que foi o tema de minha investigação de mestrado, detectei que os editores dessa publicação operária utilizaram diversas edições do *Regeneración* como fonte de informações sobre a Revolução Mexicana.

Nas páginas da folha oficial do PLM, principalmente pelo lápis de Ricardo Flores Magón e de seus aliados, os eventos revolucionários do México foram apresentados como uma insurgência de proletários anarquistas, liberais radicais e camponeses de consciência comunais, que empunharam a bandeira rubro-negra em sua luta por Terra e Liberdade. Somado a isso, Flores Magón também afirmou em diversos textos que a Revolução do México seria o primeiro passo de uma revolução em escala mundial contra o capitalismo.

Essa perspectiva radical de leitura desse acontecimento foi bem recebida pelos operários militantes anarquistas da Primeira República do Brasil, pois, a Revolução Mexicana foi o primeiro evento mundial de apelo social do século XX (HOBSBAWM, 1988, 396), que tais indivíduos acompanharam no *calor do momento*. Não é demasiado ressaltar, que a Revolução Russa, o segundo levante mais significativo para o movimento operário do Brasil e de outras partes do globo, ocorreu sete anos após a explosão revolucionária no México.

Como parte do corpo editorial de *A Guerra Social*, Astrojildo Pereira compartilhou dessa interpretação realizada por Ricardo Flores Magón, nas páginas de *Regeneración*, de que a Revolução Mexicana foi um evento de anseios sociais, orientado pelo anarquismo dos membros do Partido Liberal Mexicano, PLM.

Partidário dessa narrativa revolucionária, *A Guerra Social* realizou uma intensa divulgação da Revolução Mexicana, segundo a interpretação do *Regeneración*. Publicou três matérias de capas dedicadas ao tema, realizou uma campanha de subscrição em apoio aos revolucionários do México – que no caso, seriam os membros do PLM – e, também, utilizou informações de outros periódicos operários europeus, como o *Libertarie*, da França, em suas colunas dedicadas ao México revolucionário. Cabe ressaltar, que as matérias de outros periódicos só foram empregadas por *A Guerra Social*, se os mesmo possuíssem em seu conteúdo impresso, uma similaridade discursiva com as propostas e a perspectiva revolucionária constantemente propagandeada pelo *Regeneración*.

Depois da trajetória de *A Guerra Social*, que se encerrou em 26 de outubro de 1912, Astrojildo Pereira voltou a ter contato com a Revolução do México três anos depois de sua experiência nessa folha operária, por meio de uma correspondência da “Confederación de Sindicatos Obreros de la República Mexicana”, enviada de Veracruz e datada de 13 de agosto de 1915. Essa carta chegou às mãos de Astrojildo em meados do mês de outubro, e em seu conteúdo, os membros dessa organização sindical mexicana solicitaram a articulação de um

auxílio, de uma intervenção ou de um protesto, por parte dos operários da República brasileira, em decorrência da ação diplomática do Pacto ABC – Argentina, Brasil e Chile -, ocasionada pelo desembarque dos *marines* estadunidenses no porto de Veracruz, em abril de 1914 (Cf. PALACIOS, 2008).

Para os membros da “Confederación de Sindicatos Obreros de la República Mexicana”, as ações do Pacto ABC foram interpretadas como uma atitude intervencionista e imperialista, no qual, os países que compunham essa tríade diplomática, foram manipulados pelos EUA em suas resoluções de buscar uma saída pacífica a essa crise delicada que se instalou do México para com o seu vizinho do norte.

O apelo desses sindicalistas mexicanos foi atendido por Astrojildo Pereira, que enviou uma carta ao ministro das relações exteriores do Brasil, em nome da Confederação Operária Brasileira, COB, na qual, se colocou contra qualquer forma de intervenção estrangeira na questão revolucionária mexicana. Como justificativa, Astrojildo afirmou nesse documento que o povo mexicano, que estava elevado em armas já há cinco anos, não aceitava governos e patrões, e que suas aspirações estavam sob a guia do lema “Terra e Liberdade”. Por esses trechos, já se têm como parâmetro de análise, que a narrativa construída pelo *Regeneración* em torno do processo revolucionário mexicano, ainda ecoou no imaginário político de Astrojildo Pereira. Pois, em sua leitura, a Revolução Mexicana se caracterizava como uma insurgência libertária, em que os insurgentes repudiavam qualquer forma de governo e de patronato, e, o lema “Terra e Liberdade” – originária do PLM e que depois foi adotado por Emiliano Zapata – foi à síntese de suas aspirações políticas.

Depois dessa carta, encontramos novamente uma referência de Astrojildo Pereira para a Revolução Mexicana, em um manuscrito de 1929. Antes de apresentar esse documento, cabe ressaltar que em 1917, a Revolução Russa trouxe outro paradigma de práxis revolucionária para o movimento operário em escala mundial (Cf. KOVAL, 1980).

No caso da Primeira República do Brasil, o interesse dos jornais operários pela Rússia soviética se intensificou, enquanto o México revolucionário, praticamente caiu no esquecimento dos operários gráficos. Aponto algumas causas para esse desinteresse dos militantes operários para com a Revolução Mexicana: primeiramente, o periódico *Regeneración*, a partir de 1913, praticamente deixou de circular nas redes de afinidades ácratas do universo militante operário da República brasileira. Considero a crise financeira do PLM, que se instalou desde 1912, como um dos principais fatores que ocasionou esse problema de circulação de sua folha oficial. Como essa publicação foi eleita a principal fonte de informações verídicas sobre a Revolução do México pelos operários gráficos, a

descontinuidade de sua importação clandestina, representou uma interrupção nas informações que os mesmos recebiam sobre a Revolução Mexicana. Somado a esse fato, o discurso de um proletariado vitorioso foi tão intenso após a Revolução bolchevique de 1917, que o próprio Ricardo Flores Magón saudou esse evento nas páginas do *Regeneración* e se ocupou intensivamente de analisar a Rússia revolucionária, deixando de lado, os desdobramentos do México (BARTRA, 1977, 33). Vale à pena evidenciar, que Flores Magón tratou a Revolução Russa como o primeiro passo de uma elevação social e mundial contra o sistema capitalista, a mesma denominação que outrora ele empregou em sua interpretação da Revolução Mexicana.

No movimento operário da Primeira República, a Revolução Russa também representou uma nova etapa estratégica de resistência ao sistema capitalista, e esses operários militantes, muitos adeptos do anarquismo e do anarco-sindicalismo acabaram adotando o comunismo soviético como doutrina de combate e de orientação política, que acarretou na fundação do Partido Comunista do Brasil em 1922, PCB. A Criação do PCB representou mais do que uma cisão dentro do movimento operário. Comunista e anarquistas se atacaram mutuamente por meio de seus jornais alternativos e houve casos até de violência física entre esses indivíduos adeptos de cada doutrina política. Em suma, as divergências políticas e ideológicas tornaram impossível uma união entre anarquistas e comunistas no Brasil.

Astrojildo Pereira foi um dos maiores militantes que representou essa dicotomia, ao ter participado da fundação do PCB, após a sua dissolução com o anarquismo. Em seu período como secretário de assuntos latino americanos da IC, que durou de fevereiro de 1929 a janeiro de 1930, Astrojildo encontrou novamente a Revolução Mexicana em seu caminho.

Localizei em sua coleção de cartas, arquivada no Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista, CEDEM, um texto escrito a mão, de 39 páginas, intitulado “Projeto de Teses sobre o mov. revolucionário na América Latina”, endereçado para publicação na edição especial de nº 16 do periódico socialista francês *La Correspondencia Internacional*, de 15 de abril de 1929. Não localizei esse exemplar, então, fica um ponto de interrogação em relação à efetivação de sua publicação. Nesse trabalho, Astrojildo Pereira traçou um panorama comparativo do potencial revolucionário dos países latino-americanos e criticou duramente a Revolução Mexicana, ao afirmar que a mesma havia perdido todo o seu caráter revolucionário com a derrota das facções populares. Abaixo, segue a definição de Astrojildo sobre o processo revolucionário mexicano:

*A revolução mexicana, que se iniciou com a luta revolucionária dos camponeses contra os grandes latifundiários e que tomou o caráter de uma luta de*

*massas contra o imperialismo, contra os latifundiários e contra a igreja, levou a um governo da peq. burg. em luta contra as insurreições contra-revolucionárias fomentadas pelos [...], os lati. e a igreja; (PEREIRA, 1929, 15).*

No trecho selecionado, Astrojildo definiu a Revolução Mexicana como uma luta iniciada por camponeses, que resultou na consolidação de uma burguesia, apoiada pela burguesia e pelo clero. Em outras passagens do texto, o autor destaca que o México não atingiu os seus objetivos revolucionários, ao não ter repartido as terras entre os camponeses e de não ter alcançado a sua emancipação econômica do capital estrangeiro (PEREIRA, 1929, 19). Nesse quadro de análise sobre o México pós-revolucionário, Astrojildo concluiu que a união dos operários com os camponeses e a fundação de comitês com representantes dessas duas classes sociais seria fundamental para que os objetivos “verdadeiros” da Revolução Mexicana fossem retomados e, por fim, implantados na sociedade: “[...] deve se esforçar por convocar um Congresso op. e camp. q centralize e coordene esta ação de massas e órgãos capazes de se transformar em órgão de poder, criando, de fato, uma dualidade de poderes (PEREIRA, 1929, 29)”.

Alguns pontos dessa interpretação contrastam com a perspectiva anarquista presente nos jornais operários dedicado a evento.

Na leitura anarquista realizada no *calor do momento*, a Revolução, protagonizada em um primeiro momento por operários libertários e depois por camponeses possuidores de um “comunismo primitivo”, representou o caminho de libertação dos mexicanos explorados. Essa narrativa foi tão intensa, que alguns jornais operários publicados na Primeira República, nos anos de 1911 a 13, incentivaram em diversos artigos destinados a Revolução Mexicana, que os operários do Brasil seguissem o exemplo dos revolucionários insurgentes no México. A *Guerra Social*, do qual Astrojildo Pereira participou, defendeu essa interpretação em suas páginas. Já na leitura comunista, o foco narrativo sobre a Revolução Mexicana seguiu outro caminho. O mesmo Astrojildo, agora adepto do comunismo soviético, afirmou que a burguesia foi à classe vitoriosa do processo revolucionário iniciado em 1910 e que a união entre os camponeses e operários, controlado por um comitê popular, seria o caminho ideal para que o México, enfim, atingisse os anseios de sua Revolução. Ao realizar essa leitura da vitória da classe burguesa no México pós-revolucionário, Astrojildo Pereira se aproxima da tese defendida por Hector H. Bruit sobre o tema (BRUIT, Héctor H., 1988, 48).

Ambas as leituras políticas, apresentadas brevemente nessa comunicação, demonstra que a interpretação da Revolução Mexicana, realizada primeiramente por anarquistas e

posteriormente por comunistas, esteve ancorada na perspectiva política e na práxis de resistência presentes nessas duas ideologias de combate ao capitalismo. E Astrojildo Pereira, pela sua trajetória política, defendeu essas duas narrativas revolucionárias. Como anarquista, ele defendeu o caráter libertário do México revolucionário, tal qual foi descrita em diversas matérias do *Regeneración*. Como comunista, ele defendeu que a burguesia foi vitoriosa nesse processo e em razão disso, operários e camponeses deveriam se unir em comitês doutrinários, que resultaria na retomada dos projetos sociais da Revolução Mexicana. Todavia, nessas duas leituras apresentadas, tanto anarquistas, quanto comunistas, analisaram e interpretaram a Revolução do México pelo filtro político de suas ideologias políticas, e deixaram de lado as características *sui generis* desse evento, que há quase 100 anos atrás, surpreendeu as Américas e o restante do mundo.

## Fontes

### Periódicos

A Guerra Social – 1911 a 1912.

Regeneración – 1911 a 1918.

### Documentos

PEREIRA, Astrojildo. *Carta endereçada ao ministro das relações exteriores*. 13 de outubro de 1915.

\_\_\_\_\_. *Projeto de Teses sobre o mov. revolucionário na América Latina*. 15 de abril de 1929.

### Referências bibliográficas

BATALHA, Claudio H. M. *Dicionário do movimento operário. Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920. militantes e organizações*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

BARTRA, Armando. (Prólogo, recopilación y notas). *Regeneración (1900-1918). La corriente más radical de la Revolución de 1910 a través de su periódico de combate*. México: Ediciones Era S.A., 1977.

BRUIT, Héctor H. *Revoluções na América Latina: o que são revoluções?: México e Bolívia, Cuba e Nicarágua*. 3ª ed. São Paulo: Atual, 1988.

KOVAL, Boris. *A Grande Revolução de Outubro e a América Latina*. Trad. Leda Rita Cintra Ferraz. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.

HOBBSBAWM, Eric J. *A Era dos Impérios. 1875-1914*. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PALACIOS, Guilherme. *Intimidades, Conflitos e Reconciliações. México e Brasil, 1822 – 1993*. Trad. Gênese Andrade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Secretaria de Relaciones Exteriores, México, 2008.